

# OMS: da varíola ao coronavírus

Henrique Motta

Leste da Nigéria, dezembro de 1969. A mensagem chegou praticamente como um chiado através do rádio. As notícias relatavam um surto de varíola em uma vila remota do país. Missionários haviam criado uma rede de sinais de rádio por toda a região de Ogoja, onde trabalhavam na campanha nacional de erradicação da doença. Todos os dias, às 7 da manhã, acordavam para conferir relatórios de diferentes localidades. Naquele dia, notícias nada animadoras chegaram, e o Dr. William Foege, médico da Organização Mundial da Saúde, partiu para a vila em questão durante a tarde. Ao chegar, uma multidão cercou seu carro. Foege desceu, falou com o chefe da vila e começou seu trabalho. Em algumas horas, atestou que a doença em questão era mesmo a varíola. Após desenhar um mapa preciso do surto, o médico e sua equipe vacinaram os que ainda não haviam sido infectados. Contudo, o trabalho ainda estava longe de ser finalizado. O estadunidense logo percebeu que habitantes da região viviam do comércio feito em determinados mercados que serviam várias cidades. Portanto, viajantes, sem se saberem infectados, poderiam espalhar a doença. Logo mobilizou sua equipe e, usando seus recursos limitados, vacinou pessoas em tais rotas buscando criar anéis de imunidade que impediriam a transmissão do vírus. Depois de uma semana, a resposta de Foege e sua equipe ao surto havia sido finalizada. Tudo que podiam fazer agora era sentar e esperar. (OMS, 2011).

O relato em questão é parte da iniciativa global conduzida pela Organização Mundial da Saúde para combater a Varíola. Em 1959, quando o projeto começou, 2 milhões de pessoas morriam anualmente por conta da doença (OMS, 1959). 20 anos depois, em 1979, a OMS anunciava que a Varíola havia sido completamente erradicada, sendo o primeiro feito do tipo na história humana (OMS, 2011).

Em 1953, a possibilidade de erradicação da doença ainda estava sendo discutida, e muitos países a viam com desconfiança dado o tamanho do desafio (OMS, 2014). No entanto, Victor Zhdanov, um epidemiologista soviético, via as coisas de forma diferente. O russo havia participado da bem-sucedida campanha de erradicação da doença em seu país, e imaginava que tal sucesso poderia ser replicado em escala global. No fim das contas, Zhdanov tinha razão. Após duas décadas com muitos problemas e desafios enfrentados, a iniciativa atingiu seu objetivo.

Na conjuntura atual, o mundo enfrenta mais uma pandemia e a OMS tem diante de si mais um desafio epidemiológico. No entanto, a Organização, em meio ao caos instaurado pelo vírus SARS-COV-2, tem sua eficiência e autoridade científica questionadas por atores políticos importantes. No dia 14 de abril, o presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou que cortaria as contribuições financeiras do país à agência. O mandatário estadunidense defende que organização agiu de forma branda com relação à falta de transparência chinesa no início da pandemia (McNEILL; PEÑA, 2020).

No Brasil, Jair Bolsonaro, publicou uma suposta cartilha elaborada pela organização contendo instruções sobre masturbação infantil, seguida pela seguinte mensagem: “Essa é a OMS que muitos dizem que devo seguir no caso do coronavírus. Deveríamos então seguir também suas diretrizes para políticas educacionais?” (MARTINS, 2020). No entanto, embora tais líderes critiquem a Organização, não há como vislumbrar uma solução rápida e eficiente para o problema sem a participação da OMS. O objetivo desta análise é expor argumentos que comprovem tal afirmação, expondo a importância histórica da organização e como sua estrutura e atuação são fundamentais no combate ao coronavírus, discutindo obstáculos e levantando questionamentos sobre a atuação da organização internacional neste cenário.

Um dos maiores desafios ao combate à COVID-19 é a transnacionalidade da pandemia. Fronteiras são apenas barreiras políticas ilusórias frente ao vírus. Transmissão entre países ocorre a todo momento (OMS, 2020). Portanto, a situação em uma determinada nação não se normalizará enquanto resultados efetivos em um número considerável de países não forem atingidos. Uma leva de turistas estrangeiros, por exemplo, poderia trazer consigo o retorno do vírus (AL JAZEERA, 2020). Além disso, o caráter altamente globalizado da economia mundial praticamente impede que um determinado estado retome seu crescimento de forma isolada. Mesmo, por exemplo, que a China tenha conseguido controlar seu número de casos, enquanto a situação internacional for de calamidade, sua economia dificilmente irá retomar seu ritmo prévio. O mercado consumidor de países compradores de produtos chineses, como o Brasil, possivelmente continuará com lojas fechadas, prejudicando a produção industrial da nação asiática. Desta forma, a normalidade não virá isoladamente, mas sim através de uma resposta internacional coordenada ao vírus (ONU, 2020).

Como demonstra a experiência da erradicação da varíola, a OMS pode ser um agente eficiente para driblar o problema da transnacionalidade. Elementos propostos pela Organização foram fundamentais para criar uma resposta em escala mundial à varíola. Treinamentos, cursos e materiais foram disponibilizados para pessoas originárias das comunidades onde o vírus era endêmico (OMS, 2011). Isto possibilitou o mapeamento das infecções e uma vacinação mais efetiva, evitando que o vírus se espalhasse por regiões como Oguja e voltasse a atravessar fronteiras.

A Organização também foi um importante palco para que a cooperação internacional se desenvolvesse. Adversários geopolíticos, como os EUA e URSS, tiveram cientistas trabalhando em conjunto, compartilhando e compilando informações sobre a varíola. Além disso, discussões abrangentes tiveram lugar nas assembleias promovidas pela organização. De lá, propostas práticas de ações coordenadas, como a elaboração de novos métodos de conservação da vacina, ganharam corpo para tornarem-se realidade. (OMS, 2011)

Seu alcance também foi fundamental para o sucesso da iniciativa. São 192 os países membros da Organização (OMS, 2020). Portanto, nações com diversos problemas institucionais, financeiros e sociais tiveram acesso às suas iniciativas. Em 1965, por exemplo, Lyndon Johnson, então presidente estadunidense, anunciou que apoiaria iniciativas da OMS para erradicar a doença em 20 países da África Subsaariana, um esforço de grandes proporções que se mostraria efetivo (OMS, 2011).

Em linhas gerais, a cooperação internacional sobre aspectos técnicos, o compartilhamento de informações, produção de novas tecnologias, distribuição de materiais e eventualmente de vacinas, produção de manuais e treinamentos, criação de padrões e orientações, entre outros, surgidos a partir das iniciativas da OMS foram fundamentais para a erradicação da varíola. Em meio à pandemia da COVID-19, os mesmos fatores precisam emergir para que se chegue a uma solução de forma rápida (ONU, 2020).

Apenas a OMS possui capacidade técnica e um arcabouço institucional suficientes para tal. A Organização possui diversas comissões divididas por região no globo, reúne especialistas da área de saúde do mundo inteiro e possui a capacidade de escoar recursos aos cantos mais remotos do planeta (OMS, 2020). Seu aspecto técnico, que teoricamente a confere um caráter de neutralidade política à instituição, também seria importante, pois permitiria que a OMS circulasse entre governos das mais diversas correntes ideológicas. No entanto, é justamente esta dita neutralidade que é questionada por Trump quando o mandatário se refere a um suposto enviesamento da Organização com relação à China (WHITEHOUSE, 2020).

Isto posto e dado o histórico técnico da Organização, pode-se dizer que ela tem sido crucial no combate à pandemia até o momento. No entanto, outras questões devem ser levantadas. A OMS tem desesperadamente falhado em fazer com que seus 194 membros sigam suas diretrizes. No dia 11 de março, ao classificar a COVID-19 como uma pandemia, o diretor geral da Organização, Tedros Adhanom, falou sobre níveis perigosos de inação no mundo (BURANYI, 2020). Ao ser perguntado sobre quais eram os países em questão, Mike Ryan, médico irlandês que lidera a resposta da OMS ao vírus, respondeu que a Agência não critica seus membros em público. Muitos argumentam que isto se deve ao pouco poder que a organização possui (BURANYI, 2020).

Diferentemente de organizações internacionais como a OMC, a Organização Mundial da Saúde não possui mecanismos legalmente vinculantes. Ou seja, as diretrizes propostas pela Organização são apenas recomendações, ou *soft laws* (ONUF, 1989). Não sofrem sanções, portanto, os países que as desrespeitarem. Contudo, dado o seu mandato vago, sua estrutura espalhada e uma atuação focada também na diplomacia, a OMS age de formas bastante diferentes dependendo de seu diretor geral. Em sua resposta à SARS, liderada pela norueguesa Gro Harlem Brundtland, a Organização monitorou e até mesmo censurou alguns de seus membros, entre eles a China (BURANYI, 2020). A abordagem mais agressiva adotada foi bem sucedida, e superada a SARS, a OMS buscou formalizar um maior poder de interferência sobre seus membros. Porém, houve um senso de “e se fossemos nós no lugar da China” (BURANYI, 2020), o que levou os estados a rejeitarem dar mais poder a uma organização internacional.

Isto demonstra que as organizações internacionais ainda estão sujeitas aos desígnios dos estados, e por mais que sua retórica muitas vezes combine com aquela defendida por mandatários ao redor do mundo, suas decisões não vinculantes serão preteridas quando interesses econômicos e estratégicos entrarem em jogo. A OMS tem feito grandes esforços com vistas a mitigar a pandemia do vírus SARS-COV-2, além de estar trabalhando em direção a uma solução final. Apesar disso, provavelmente seu grande desafio no enfrentamento desta crise será político. A crise é transnacional e a Organização é uma força global, mas os governos não estão pensando globalmente, preocupam-se apenas em reduzir seus números. E depois, por mais que, como demonstrado, a Organização seja fundamental para uma solução, assim como foi na erradicação da varíola, medidas como o *lockdown*, recomendado pelo organização (OMS, 2020), trazem grandes custos econômicos, fazendo com que muitos líderes políticos relutem em aceitá-las

Além do mais, rivalidades geopolíticas pré-existentes, como a entre os EUA de Trump e China, e aspectos ideológicos de determinados governos, como o antiglobalismo de Bolsonaro, turvam a visão que tais líderes políticos têm da crise. Neste cenário, ambos adotaram posições anti científicas e classificaram como ideológicas decisões técnicas feitas por especialistas da OMS de diversos cantos do mundo. Questionar estudos e laudos técnicos é algo perfeitamente factível, mas é algo que deve ser feito com evidências, caso contrário o questionamento torna-se apenas irresponsabilidade. Em meio a essa turba de anti ciência, a Organização Mundial da Saúde luta para derrubar barreiras políticas e vislumbra possíveis cortes de orçamento. Mesmo assim, continua sendo a principal ferramenta institucional do mundo no combate a esta crise.

## Referências

**AL JAZEERA.** Timeline: How the new coronavirus spread. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/01/timeline-china-coronavirus-spread-200126061554884.html>. Acesso em: 02 maio 2020.

**BURANYI, Stephen.** The WHO v coronavirus: why it can't handle the pandemic. why it can't handle the pandemic. **The Guardian**, 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2020/apr/10/world-health-organization-who-v-coronavirus-why-it-cant-handle-pandemic>. Acesso em: 02 maio 2020.

**GRADY, Denise.** Coronavirus Is Spreading, but W.H.O. Says It's Not a Global Emergency. **The New York Times**, 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/01/23/health/china-virus-who-emergency.html>. Acesso em: 02 maio 2020.

**MARTINS, Humberto.** Bolsonaro publica supostas diretrizes da OMS sobre masturbação infantil. **Correio Braziliense**, 2020. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/29/interna\\_politica,849854/bolsonaro-publica-supostas-diretrizes-da-oms-sobre-masturbacao-infanti.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/29/interna_politica,849854/bolsonaro-publica-supostas-diretrizes-da-oms-sobre-masturbacao-infanti.shtml). Acesso em: 02 maio 2020.

**McNEILL, Donald; PEÑA, Richard.** W.H.O., Now Trump's Scapegoat, Warned About Coronavirus Early and Often. **The New York Times**, 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/04/16/health/WHO-Trump-coronavirus.html>. Acesso em: 02 maio 2020.

**OMS (org.).** **Bugs Drugs & Smoke: stories from public health.** Genebra: Oms, 2011.

**OMS.** What we do. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/about/what-we-do>. Acesso em: 02 maio 2020.

**ONU.** ‘Solidarity, hope’ and coordinated global response needed to tackle COVID-19 pandemic, says UN chief. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2020/03/1059752>. Acesso em: 02 maio 2020.

**ONUF, Nicholas.** *A World of Our Making*. Miami: Routledge, 1989.

**WHITEHOUSE.** President Donald J. Trump Is Demanding Accountability From the World Health Organization. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefings-statements/president-donald-j-trump-demanding-accountability-world-health-organization/>. Acesso em: 02 maio 2020.